

Entre a invisibilidade e a estereotipia: a mulher negra como personagem literária

ITALANEI OLIVEIRA FERNANDES*

Resumo: A mulher negra, enquanto personagem, tem sido historicamente marginalizada e silenciada na literatura brasileira. A partir dessa questão este artigo tem como objetivo abordar sobre a representação das mulheres negras, sua invisibilidade e estereotipia, como a mulher negra é representada na literatura brasileira, seja em relação as questões de gênero, raça, classe e etnia. Para tanto falarei sobre a importância de epistemologias que rompam com essa literatura que invisibiliza a mulher negra, que a coloca em estereótipos, que ora é silenciada, ora reduzida a papéis secundários ou caricaturais. Por fim, será feita uma abordagem da obra *A cor da ternura*, de Geni Guimarães, observando questões como identidade, racismo, violência, resistência e afetividade, ressaltando que nas obras dessa escritora a afetividade é usada de modo a suavizar temas tão difíceis de serem abordados por vozes e experiências de mulheres negras no Brasil.

Palavras chave: Afetividade; Epistemologia; Geni Guimarães; Literatura.

Between invisibility and stereotypy: the black woman as a literary character

Abstract: The black woman, as a character, has been historically marginalized and silenced in Brazilian literature. Based on this question, this article aims to address the representation of black women, their invisibility and stereotypes, how black women are represented in Brazilian literature, whether in relation to issues of gender, race, class and ethnicity. To do so, I will talk about the importance of epistemologies that break with this literature that makes black women invisible, which places them in stereotypes, who are sometimes silenced, sometimes reduced to secondary or caricatured roles. Finally, an approach will be made to the work *A cor da ternura*, by Geni Guimarães, observing issues such as identity, racism, violence, resistance and affectivity, emphasizing that in the works of this writer, affectivity is used in order to soften themes that are so difficult to be approached, by voices and experiences in black women at the Brazil.

Key words: Affectivity; Epistemology; Geni Guimarães; Literature.



* ITALANEI OLIVEIRA FERNANDES é Graduada em Letras pela UESC (Universidade Estadual de Santa Cruz); Pós Graduada pela FACINTER, Faculdade Internacional de Curitiba, em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura. Mestre em Práticas de Educação Básica pelo consórcio de educação Dom Pedro II - COFAPE, Colégios e Faculdades Integradas. Servidora efetiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano desde novembro de 2012. Membro do GENI (Núcleo de estudos de gênero e sexualidade do Campus Uruçuca), membro do GEDISEX (Grupo de pesquisa e práticas de gênero, diversidade e inclusão do IF Baiano).

Introdução

A mulher negra foi introduzida como personagem na literatura brasileira de forma tardia e marginalizada, refletindo a condição social e histórica dessa população no país. A escravidão, o racismo, o machismo e a violência foram os principais fatores que impediram a representação literária da mulher negra como sujeito de sua própria história e voz. Somente a partir do século XX, com o movimento negro e feminista, é que surgiram obras que buscaram resgatar a identidade, a memória e a resistência da mulher negra na sociedade brasileira.

Desde sempre a personagem feminina da mulher negra está descrita na literatura, ela aparece desde a ama de leite, a mucama, até a negra sensualizada, a mulata, que está disponível ao senhor branco, uma mulher estereotipada, vista como objeto, a serviço da sociedade machista, preconceituosa, que entende essa mulher como um objeto que deve estar à disposição desses homens sempre que esses quiserem, essa mulher é apenas um corpo, sem sentimentos, na literatura essa mulher vai aparecer como um animal erótico, que está sempre pronta para fornicar, para dar prazer ao homem.

Em alguns momentos se destaca a beleza dessa mulher, mas nunca será a mulher para casar, sempre será a mulher que serve para o prazer, “branca para casar, negra para o sexo.” Interessante observar que quando se descreve essas personagens não se faz referência as suas famílias, é apenas um corpo sem alma, sem história, diferente do que acontece com as mulheres brancas, que sempre são descritas como filhas de patriarcas, de famílias abastadas, chegando a ser comparada com a Virgem Maria, pela aura angelical, pelo

tom da pele, enquanto que as mulheres negras são descritas pelo corpo, pelos seus, pernas, lábios grossos, dentes alvos, como uma mercadoria a ser avaliada.

O que se percebe por anos nas escritas literárias é que as mulheres foram retratadas em diversas obras por uma visão que não é a delas, nos textos elas não tem voz, não tem nesses textos as sensações que essas mulheres têm ao se verem retratadas, ou a sua visão de como se sentiam diante da exploração de seus corpos, de como eram colocadas como seres inferiores. Durante muito tempo na literatura essas mulheres não foram vistas a partir das suas vivências, suas reais experiências e sentimentos, sendo estereotipada e invisibilizadas durante muito tempo.

A partir dessa questão este artigo tem como objetivo abordar sobre a representação das mulheres negras, sua invisibilidade e estereotipia, como a mulher negra é representada na literatura brasileira, considerando as diferentes formas de invisibilidade e estereotipia, seja em relação as questões de gênero, raça, classe e etnia. Ressaltando como a mulher negra, ao longo da história literária, foi ora silenciada, ora reduzida a papéis secundários ou caricaturais, ora ressignificada por uma perspectiva crítica e emancipatória, de modo a apontar alguns desafios e possibilidades para a construção de uma literatura que valorize a diversidade e a pluralidade da mulher negra como sujeito e como personagem.

Para falar sobre a invisibilidade, a estereotipia, e antes de entrar na observação da obra escolhida farei um breve comentário sobre a importância das epistemologias que rompem com a invisibilidade da mulher negra, e como elas são fundamentais para a construção

de uma sociedade mais justa e democrática, uma vez que essas epistemologias usam como base experiências, saberes e lutas das mulheres negras, e das chamadas minorias, questionam os paradigmas dominantes que silenciam, marginalizam e desumanizam as vozes e as vidas desses sujeitos.

Após essa abordagem, utilizarei a obra *A Cor da Ternura*, de Geni Guimarães para abordar como essa escritora trata das temáticas de identidade, racismo, violência, resistência e afetividade, refletindo sobre o papel da literatura como forma de empoderamento e visibilidade para as vozes e experiências das mulheres negras no Brasil, de modo sutil e sensível. Um dos motivos da escolha dessa autora e obra é que ela mesma é um exemplo da invisibilidade da mulher negra na literatura, uma vez que suas obras são pouco conhecidas e abordadas no cenário acadêmico, mas sua escrita aborda questões relevantes no que diz respeito a personagens de mulheres negras na literatura.

Representação da mulher negra: invisibilidade e estereótipos

A invisibilidade da mulher negra é um fenômeno social que afeta a sua participação e reconhecimento em diversos âmbitos da sociedade, como no mercado de trabalho, na mídia, na educação, na saúde e na política, não sendo diferente na literatura. A mulher negra é duplamente discriminada por sua cor e por seu gênero, sofrendo com o racismo, o sexismo e a violência. Essa situação gera uma série de desigualdades e vulnerabilidades que comprometem o seu desenvolvimento pessoal e coletivo.

A luta pela visibilidade e valorização da mulher negra é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e democrática, que respeite a diversidade e promova a equidade. Para isso, é preciso combater os estereótipos e preconceitos que negam a sua identidade e potencialidade, bem como garantir os seus direitos e oportunidades em todas as esferas da vida. A mulher negra é sujeito de sua própria história e agente de transformação social, e deve ser reconhecida e valorizada como tal.

Uma das figuras mais invisibilizadas e estereotipadas na literatura brasileira, essa mulher sofre com o racismo, o machismo, a pobreza e a violência, que limitam suas oportunidades de vida e de expressão, reduzida a papéis subalternos, hipersexualizados ou exotificados, que negam sua diversidade e complexidade. A mulher negra é também silenciada e ignorada nos espaços de poder, de cultura, de educação e de mídia, que reproduzem uma visão eurocêntrica, branca e masculina no mundo literário.

Na literatura a mulher negra não é valorizada em sua pluralidade e potencialidade, como sujeito de direitos e de história, se quer é ouvida ou respeitada em sua voz e em sua luta, não sendo vista como agente de transformação, não é celebrada em sua beleza e em sua arte, muito menos reconhecida como fonte de inspiração e de criatividade.

Ter essa personagem como uma mulher forte não acontece na literatura, onde a mulher negra vive relações de subalternização, onde a discriminação e a violência para com elas são comuns num sistema capitalista que privilegia o homem em detrimento a mulher, onde o próprio sistema em que elas estão inseridas já traz em si uma força de subjetivação, é fácil constatar isso na literatura, já que é muito comum,

quando se referem a mulher negra, ela aparecer como um objeto, seus corpos estão a serviço do prazer, como uma mulher inferior e incapaz.

Historicamente vivemos uma sociedade patriarcal, estruturada num modelo dominante, onde a mulher não deve expressar seus desejos, sendo apenas um objeto de fetiche e submissão nas mãos de homens que se sentem superior, onde a mulher não deve desafiar ou questionar esse homem, apenas aceitar seu papel de objeto, de fonte de prazer, sem trazer nenhuma ameaça a esse mundo machista e castrador.

De forma que o protagonismo de mulheres negras nunca é evidenciado, não se tem acesso às suas experiências, sua representatividade não é vista, nem reconhecida, ficando assim as construções sociais de mulheres negras com humanidade, potência e respeito invisibilizadas, de modo que as escritoras negras não são reconhecidas, valorizadas, ouvidas, lidas, não existindo narrativas dessas mulheres na literatura, nem como personagem, no como escritora.

Tem sido um percurso duro, de muitas lutas e debates ao longo dos anos, poucas escritoras negras conseguem transgredir. Um exemplo de que as mulheres negras, escritoras brasileiras não são ouvidas é quando o ícone do movimento negro e feminista Ângela Davis cita em uma entrevista que fica surpresa em os brasileiros se espelham nela, sendo que no Brasil temos Lélia Gonzalez, uma militante nos estudos de raça e gênero, que em seus escritos fala dessa mulher sempre subalternizada, mais que tem em si uma força capaz de vencer os obstáculos impostos pela vida.

Vários fatores precisam ser apontados no que diz respeito a ultrapassar esses invisibilidade e estereotipização, um deles é que haja mais espaço e visibilidade para as suas vozes, histórias e experiências no contexto literário. Já que a literatura é uma forma de expressão e representação da realidade, e por isso deve refletir a diversidade e a pluralidade da sociedade, dando a mulher negra espaço para que seja sujeito de sua própria narrativa, e não apenas objeto ou coadjuvante de outras.

É necessário que se reconheça e se valorize a contribuição das escritoras negras, suas personagens sejam reflexo de uma mulher forte, com sonhos, com identidade, para a cultura, a arte e o pensamento, bem como se combata o racismo, o machismo e o silenciamento que ainda marcam a escrita literária, que a mulher negra seja vista, tenha visibilidade, quebre estereótipos como o da que serve apenas como ama de leite, como babá, ou seja objeto de prazer com seus corpos colocados apenas como objeto sexual.

A literatura por ser um instrumento de empoderamento, resistência e transformação social, é instrumento fundamental para dar voz e visibilidade à mulher negra em toda a sua complexidade e singularidade, contribuindo para o empoderamento dessas mulheres, historicamente inseridas em um grupo social inferiorizado. Através da literatura e da escrita, é possível ampliar os horizontes culturais, desenvolver o pensamento crítico, questionar as estruturas de poder e resistir às opressões, trazendo à tona a representação e a representatividade da mulher negra, vencendo a invisibilidade e a estereotipização.

Por epistemologias que rompem com uma literatura de invisibilidade

Discutir as epistemologias que desafiam a invisibilidade das vozes e das experiências de grupos marginalizados na literatura brasileira como é o caso das escritoras negras, partindo de uma perspectiva decolonial contribuirá para a construção de uma memória coletiva que reconheça a diversidade e a pluralidade da sociedade brasileira. É preciso reforçar a importância de epistemologias que rompem com uma literatura de invisibilidade, que questione os padrões hegemônicos de representação, que valorizem as sabedorias locais e que promovam o diálogo intercultural, que contribuam para a democratização do campo literário e para a transformação social.

As epistemologias e a invisibilidade da mulher negra atravessam as discussões sobre o racismo, o sexismo e a colonialidade no Brasil e no mundo. Na literatura diferentes formas de produção de conhecimento sobre a mulher negra foram influenciadas por processos históricos de dominação e resistência, e como esses conhecimentos se refletem nas representações sociais e culturais da mulher negra na atualidade, é só observarmos a forma como essa mulher é invisibilizada e estereotipada nas epistemologias, como elas são representadas na literatura, na arte e na educação, e como são estereotipadas para perceber como isso afeta sua autoestima, sua participação política e na sociedade.

As epistemologias como nos é apresentada apenas teorizam com a realidade, o que é preciso na verdade é que a prática seja mais importante que a teoria quando se trata de conhecimento, e mais importante que isso é que esse conhecimento seja passado porque quem viveu a experiência, não apenas a

estudou, isso sim vai trazer ao conceito de epistemologia uma fundamentação que dará subsídios as discussões e ganhará força nos debates, sejam eles quaisquer temas que aborde.

De modo que por meio das nossas experiências vamos criando marcas na memória, nós nascemos como uma folha em branco e a partir das nossas experiências vamos preenchendo essa folha, sejam elas experiências boas ou ruins, não que o estudo científico da epistemologia clássico seja ruim, eles tiveram um auge, foram importantes para a produção do conhecimento social, sobretudo do conhecimento científico, no direito, nas ciências exatas, é uma área muito rica, no entanto estamos aqui buscando extrapolar essas questões de epistemologias clássicas ou empiristas.

Assim ao falarmos em conhecimento precisamos entender que essa ideia de racionalidade não é o básico para se construir conhecimento, é preciso conhecer a dimensão histórica, quantificar e qualificar o conhecimento para a produção de uma epistemologia diversa. É primordial que as epistemologias dissidentes, subalternas, negras, feministas, estejam a serviço do conhecimento que nos permitam enxergar as várias identidades, que os muitos modos de produção de saber estejam a serviço de um conhecimento que não é estático ou objetivo.

Aqui me vem à mente o texto Epistemologia na encruzilhada: Política do conhecimento por Exu, quando se refere as novas epistemologias em relação ao conhecimento:

Quando falamos de novas epistemologias, de outras epistemologias, no fundo tratamos de política de conhecimento. Sob um viés de epistemologia subalterna, essa política tem a ver com um descentramento, uma

disputa, que desloca a autoridade discursiva sobre o que é e o que não é conhecimento. Isso é parte de um processo que vem com tantos outros movimentos dentro das ciências humanas e da política (Ruffino, 2021, p.20).

Quando o autor fala em novas epistemologias ele nos leva a pensar sobre as diversas minorias que precisam buscar por espaço, por respeito, por direitos. Tanto a liberdade quanto a subversão são pontos discutidos pelas epistemologias dissidentes, e que são fundamentais para que o sujeito saia da norma que é sempre imposta, que fuja da hegemonia branca e heterossexual. uma vez não podendo se livrar das estruturas de poder, dessa relação entendida como sexo natural, como a presença masculina como superior a feminina, cabe a criação de espaços de potência e enfrentamento ao que se estabelece como uma verdade, como uma condição de imposição.

E é aí que entendemos que as epistemologias dissidentes, insurgentes, alternativas devem romper com a invisibilidade, utilizando a voz, o corpo, a liberdade, o discurso para fugir da ideia de materialização do corpo, sem subjetividade, sem voz, rompendo com a neutralidade, questionando as relações de poder e de verdade que é imposta por uma construção de poder externa as necessidades da mulher negra, num contexto machista que colocavam as mulheres num lugar de submissão.

Aqui podemos citar uma autora que tem uma ideia da crítica feminista da epistemologia, Donna Haraway, filósofa, autora de livros sobre ciência e feminismo, ela diz que todos tem que se responsabilizar pelo conhecimento, coloca que quem está sofrendo opressão, quem está sendo julgado precisa se posicionar, para ela as concepções da

epistemologia devem servir para fortalecer o conhecimento, mas esse conhecimento deve ser alterado, modificado desde que seja necessário, não pode ser extático e racional.

As feministas tem que insistir numa explicação melhor do mundo; não basta mostrar a contingência histórica radical e os modos de construção de tudo. Aqui, nós, como feministas, nos encontramos perversamente conjugadas ao discurso de vários cientistas praticantes os quais, uma vez tudo dito e feito, acreditam principalmente que estão descrevendo e descobrindo coisas através de sua construção e de sua argumentação (Haraway,2009 p.09).

Dessa forma a autora busca uma posição de identidade, de reconhecimento no mundo, tendo posicionamento e responsabilidade diante de si e do mundo, numa posição de objetividade, mais não de parcialidade. Uma importante observação e um ponto que quero destacar nesse trabalho é que as epistemologias dissidentes tem sido fundamentais para mudanças no comportamento social, nas escritas de mulheres negras, elas já tem tentado colocar suas ideias, pensamentos, seus pontos de vista de muito tempo, no entanto são pouco ouvidas, quero aproveitar para reforçar que aqui quando me refiro ao feminismo esse sempre será o feminismo negro, uma vez que o feminismo branco nunca vai conseguir se colocar referente as questões de raça, já que elas não tem noção do que é estar nesse lugar.

A luta das epistemologias negras e feministas é uma luta pela vida, pela dignidade, lutando por coisas que deveriam ser direitos, direito a vida, a proteção contra violência, contra feminicídio, é uma realidade diária de

enfrentamento a realidade dura de opressão, em uma entrevista ao Roda Viva a escritora Djamila Ribeiro coloca a importância da escrita feminina para romper com a invisibilidade e opressão da mulher negra nos diferentes espaços, que a intenção é discutir projeto de sociedade, para visibilizar as histórias dessas mulheres, lembrando que ao falar em mulheres me refiro a mulheres negras, indígenas, lésbicas, quilombolas, muito interessante tirar o homem branco do topo e a mulher negra da base, e não segmentar o debate, de raça, de classe, de gênero, o debate precisa ser interseccional.

O papel das epistemologias que rompem com a invisibilidade da escrita da mulher negra é fundamental para a construção de uma literatura que desafie as normas hegemônicas e coloniais que silenciam e invisibilizam as vozes e as experiências das mulheres negras. Essas epistemologias devem questionar os paradigmas dominantes de produção de conhecimento e valorizar os saberes e as práticas que emergem das margens, dos grupos subalternizados e oprimidos pela lógica do racismo, do sexismo, do classismo e de outras formas de violência.

A escrita da mulher negra, portanto, é um ato político e estético em busca de afirmar a sua identidade, a sua história, a sua cultura e a sua resistência, rompendo com os estereótipos e as representações negativas que lhe são impostas pela sociedade branca e patriarcal. A escrita da mulher negra é também uma forma de criar pontes e alianças com outras mulheres negras, com outros sujeitos dissidentes e com outros movimentos sociais que lutam por justiça, igualdade e liberdade.

Para romper com a invisibilidade da mulher negra na literatura é preciso valorizar e divulgar as obras de autoras negras que retratam as suas experiências, desafios e conquistas. A literatura é um espaço de expressão, resistência e transformação social, que pode contribuir para a desconstrução de estereótipos e preconceitos que afetam as mulheres negras. Além disso, é importante incentivar a formação de leitoras e leitores críticos, que possam reconhecer e questionar as narrativas hegemônicas que silenciam ou distorcem as vozes das mulheres negras. Por fim, é necessário criar mais oportunidades e apoios para que as mulheres negras possam produzir e publicar as suas próprias histórias, ampliando a diversidade e a representatividade na literatura.

Geni Guimarães: identidade, resistência, afetividade

Antes de entrarmos nas questões da escrita de Geni Guimarães gostaria de citar bell hooks, quando em seu livro *Ensinando a Transgredir* nos fala sobre classe, raça, gênero, e a partir desses temas critica os sistemas de opressão e dominação. Nesse livro fica claro a importância da educação para resistir as estratégias de colonização branca e racista, onde a sala de aula deveria ser local de descoberta, de libertação, infelizmente não será essa a experiência que a autora terá, nesse espaço durante a sua formação acadêmica, os negros eram segregados, estereótipos, as aulas eram entediantes, nesse espaço ela não era representada.

Quando entrei no contexto universitário pela primeira vez, me senti uma estranha nesse novo ambiente. Como a maioria dos meus colegas e professores, a princípio acreditei que esse sentimento se devia à diferença de origem raciais e culturais.

Entretanto, à medida que o tempo passava, cada vez mais se evidenciava que esse estranhamento refletia, em parte, as diferenças de classe social (hooks, p.240).

Nada melhor do que estar no lugar que se precisa estar para mudar e enfrentar o debate sobre as questões que a incomodavam, foi ao meu ver a primeira transgressão da autora, entrar em sala de aula para trazer para esse espaço um debate que incentive a abordagem de temas tão delicados como raça, gênero e questões sociais. Abandonando as velhas formas de pensar, não que isso seja fácil, ou que tenha acontecido de uma hora para outra, bell foi de estudante a professora com esses questionamentos, e mesmo exercendo seu ofício ela encontrou obstáculos, muitos obstáculos.

Nesse livro ela tem como referência os textos de Paulo Freire, uma vez que ele escreve para uma prática da liberdade, e ela entende ser esse o caminho para uma educação libertadora, antirracista, e feminista, assim como no texto de Geni Guimarães esse livro também deixa claro a importância da afetividade para se quebrar paradigmas, para trazer rupturas a uma sociedade opressora em relação a posição da mulher negra enquanto escritora, enquanto personagens.

Aqui um pouco de quem é Geni Guimarães, e o porquê da escolha dessa autora para falar sobre identidade, resistência e afetividade. Uma escritora brasileira que se destaca por sua obra literária voltada para a valorização da identidade, da resistência e da afetividade negra. Em seus livros, ela narra as experiências de vida de mulheres negras que enfrentam o racismo, o machismo e a violência, mas que também cultivam laços de solidariedade, amor e esperança. Suas

obras são inspiradas em sua própria trajetória, marcada pela luta pela educação, pela consciência negra e pela emancipação feminina, por isso muitos de nós vemos nossas experiências retratadas nessa história. Geni Guimarães é uma referência para a literatura afro-brasileira e uma voz que ecoa a diversidade e a riqueza da cultura negra no Brasil.

A escolha por uma obra de Geni Guimarães para abordar questões como identidade, racismo, violência, resistência e afetividade, se dá pela visibilidade, pela voz, pelo empoderamento que essa escritora trás para suas personagens, apesar da pouca visibilidade que ela própria tem que enfrentar enquanto autora, as suas personagens tem de modo geral uma forma suave, afetiva de abordar temas tão complexos quando nos referimos a literatura e as personagens de mulheres negras que como já foi dito é estereotipada. Geni com sua escrita usa afetividade para mostrar uma mulher forte, resistente, marcando sua identidade, apesar de toda a dor que sofre por ser subalternizada.

A literatura vista em A Cor da Ternura a escritora é de amparo entre as mulheres, de importância a família, dando voz às experiências, sentimentos e lutas dessas mulheres negras, sem fugir das suas raízes, da sua cultura e etnia, o livro é de uma humildade e resistência que desperta em nós uma força e uma sensibilidade que se transforma em um instrumento de empoderamento e resistência, estimulando as mulheres negras a afirmem suas identidades, denunciem as opressões e reivindiquem seus direitos.

A literatura de Geni Guimarães é, portanto, um espaço de afirmação, contestação e transformação social, que contribui para a valorização da diversidade cultural e para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, o que se percebe em muito da escrita dessa autora é que através de suas obras ela se reconecta com suas identidade, suas raízes, pessoal, social e cultural, e apesar do escanteamento, da falta de espaço e de reconhecimento da mulher negra e das personagens na literatura nos possibilita uma escrita dissidente, que rompe com o cânone, onde não há imparcialidade, defendendo as minorias de um processo discriminatório e segregador.

Apesar de abordar temas como discriminação racial, gênero, machismo, o livro tem uma linguagem acessível, talvez isso aconteça justamente por causa da linguagem, esse é um livro infante juvenil, a escrita é mais acessível e fluida, as narrativas deixam a leitura mais leve, e nos faz sentir como se já tivéssemos vivido algumas situações abordadas nas narrativas, memórias fortes da família, uma escrita em alguns pontos ingênuos, o comportamento diante do nascimento do irmão, o cotidiano que vivenciamos em nossas casas, com nossas famílias, os amigos imaginários, nos aproxima ainda mais da leitura, nos levando a reflexões que em muitos momentos nos parece infantis, mas que são e estão internalizados em nós.

Uma passagem do livro que nos leva a uma reflexão, que mexe com as nossas emoções, e quando ela (protagonista) fala sobre o sonho de viajar, ela nunca tinha saído da cidade que morava no interior, e ficava num balanço junto com outras crianças, em algum momento ela se balançou muito e foi agredida pelos outros, que a ofendiam por causa da sua

cor da pele, ela então vai para casa super triste e pergunta a mãe se chuva tiraria a tinta da sua pele, aqui vemos a dificuldade de lidar com sua negritude e a necessidade de se reconhecer enquanto criança negra, reforçando a importância em ter uma identidade negra.

- Mãe, se chover água de Deus será que sai a minha tinta?

- Credo-em-cruz! Tinta de gente não sai. Se saísse, mas se saísse mesmo, sabe o que ia acontecer[...]

- Você fica branca e eu preta, você branca e eu preta...
(Guimarães, 1989, p.10)

Esse conflito em relação a identidade e a cor da pele, o se reconhecer como uma criança negra vai aparecer em outros pontos do livro, uma outra passagem que mostra como historicamente o negro é visto como submisso, subalternizado, inferiorizado é quando a professora conta a história da escravidão de forma que pega ela de surpresa, porque não é a história que ela conhece, mostrando que os negros foram escravizados, espancados, colocados nos troncos, ela percebe então que os amigos estão olhando para ela com dó, esse é um ponto de frustração para ela, e aqui reflito, quantos de nós não já passou por situações como essa? Onde pensamos qual o peso da cor da pele, em casa ela pega pó para tentar mudar a cor da pele, para se enquadrar, para ser aceito,

Outro ponto que chama atenção são as experiências na escola, a referência a Jesus como branco, o aceitar o bullying por ser negra, era mais fácil aceitar do que criar encrenca, na escola percebemos como a história é passada ainda hoje, percebemos como venerava a poesia a princesa Isabel, como mártir, a ideia de que o branco é melhor, a decepção com a história contada do

negro como fraco, submisso, inferior. Uma coisa que me chamou atenção é que com a narração só percebi que ela era a única negra na classe quando descreveu, no momento da poesia que escreveu.

No livro a resistência, a mulher forte, que a personagem de Geni nos mostra é a preocupação em ficar bem para que os pais não fiquem tristes, vemos isso na passagem da formatura, como essa conquista foi importante para a família toda, quantos de nós não passou por isso, toda a família trabalhando em função desse momento, quanto orgulho para todos uma conquista como essa, e o orgulhar de ser quem é, mesmo com todas as dificuldades não negar as raízes, fica claro a importância em fortalecer e empoderar os iguais, para que reconhecem sua identidade, como pessoas de valor e de direito.

O dia da minha colação chegou[...] fui chamada para receber o certificado, eles meus pais não podiam se conter só com as palmas. Levantaram e me aplaudiram em pé. Mãos abertas, barulhentas, livres. Meus irmãos, contagiados, perderam a timidez e também se puseram de pé me apontando e me aplaudindo de pé, como se só eu estivesse ali, como se no momento eu estivesse me apossando da chave do céu (Guimarães, 1989, p. 83).

Essa passagem do livro é muito forte, achei emocionante, é triste saber que muitas famílias não terão acesso a algo que deveria ser direito de todos, muitos pais não vão acompanhar o crescimento intelectual dos seus filhos. Em alguns momentos senti raiva por causa da falta de acesso que sofre uma criança/adolescente em relação as suas experiências na vida como as pessoas. Além das questões de racismo vemos outras violências e a busca por ela para se reencontrar, e como é difícil para

uma criança enfrentar todas essas dificuldades, e como é difícil para a família suprir essas dificuldades.

Na obra de Geni Guimarães vemos a necessidade de colocar a mulher negra em destaque, suas dores, seus sentimentos, seus sonhos, que elas saiam desse lugar de mãe/mulher preta, doméstica, mucama, lugares onde foram colocadas pelo patriarcado branco/heterossexual, reescrevendo uma história de desrespeito e subjugação, rompendo com o papel de invisibilidade em que esteve por séculos, reconhecendo essa mulher como sujeito de suas histórias, lutando por espaços de empoderamento, pela sobrevivência, pelas suas raízes, suas vidas e suas culturas, pelas suas famílias, por seus lugares no mundo, mas ainda assim com ternura, com poesia.

Considerações finais

Uma vez que já sabemos que a invisibilidade e a estereotipização da mulher negra são problemas históricos e estruturais que afetam a sua participação social, política, econômica e cultural e que para combater essas formas de discriminação, é preciso promover a valorização da identidade, da cultura e da história das mulheres negras, bem como garantir os seus direitos e oportunidades.

Algumas ações que podem contribuir para pelo menos minimizar essa invisibilidade, ampliar a representatividade das mulheres negras nos espaços de poder, fortalecer os movimentos sociais e as organizações de mulheres negras que lutam para combater o racismo, o sexismo e a violência contra as mulheres negras, incentivar a produção e a divulgação de conhecimentos, saberes e expressões artísticas das mulheres negras, valorizando a sua diversidade e

criatividade, fomentar o empoderamento das mulheres negras, estimulando a sua autoestima, a sua autonomia e o seu protagonismo são algumas ações.

Mas aqui especificamente estamos falando da invisibilidade e estereotipização da mulher negra na literatura, então será fundamental para que haja uma mudança nesse sentido que a escrita de mulheres negras na literatura seja vista como forma de expressão, resistência e afirmação de suas identidades, histórias e lutas. Que através da literatura, essas mulheres podem denunciar as opressões que sofrem, como o racismo, o sexismo, a violência e a exclusão, e também celebrar suas conquistas, suas ancestralidades, suas culturas e suas belezas.

Contribuindo para a diversidade e a representatividade da mulher na literatura, que essa escrita seja um espaço de afirmação das identidades, das memórias e das vozes marginalizadas, que muitas vezes são silenciadas ou invisibilizadas, que a literatura, portanto, seja instrumento de emancipação, de transformação e de libertação, não esquecendo suas raízes, empoderando a todos que foram silenciados, principalmente as mulheres negras, que sempre foram subalternizadas, preteridas, mostrando o caminho para vencerem todos os obstáculos que precisam enfrentar,

sexismo, misoginia, racismos, a objetivação do seu corpo, sem esquecer, assim como fez Geni Guimarães de usar a terna e a afetividade para a superação dos conflitos e preconceitos que são impostos a mulher negra.

Por fim, é preciso que haja representação das mulheres negras na literatura, para que haja visibilidade é preciso que cada vez mais hajam obras que valorizam a identidade, a cultura, a resistência e a diversidade das mulheres negras, dando voz às suas experiências, sentimentos e lutas, além da valorização da literatura afro-brasileira e a desconstrução dos preconceitos e das desigualdades que afetam essas mulheres.

Referências

GUIMARÃES, Geni. **A cor da ternura**. São Paulo: FTD, 1991

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. Cadernos Pagu, 2009.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**. Rio de Janeiro: Rosa dos ventos, 2018.

RUFFINO, Luiz. **Epistemologia na encruzilhada: Política do conhecimento por Exu**. Abatirá – Revista de ciências Humanas e Linguagens, 19-30. 2021.

Recebido em 2023-07-03
Publicado em 2023-12-01